

LUTA Cerimônia está agendada para hoje, 9h, no busto de Mãe Gilda, no Parque do Abaeté (Itapuã)

Ato ecumênico marca Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa

Elói Corrêa (GOV-BA) / Divulgação

YURI SILVA

O Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa será marcado hoje, às 9h, por um ato ecumênico no busto de Mãe Gilda de Ogum, no Parque Metropolitano do Abaeté, em Itapuã.

A ialorixá baiana Gildásia dos Santos, que morreu de infarto após seu terreiro ser invadido por evangélicos neopentecostais foi a inspiração para a implantação da data.

Dezessete anos após o ocorrido, os números de casos de intolerância continuam preocupando as autoridades. Em 2016, segundo estatísticas divulgadas pela Secretaria Estadual de Promoção da Igualdade Racial (Sepromi), foram registrados 26 casos no Centro de Referência Nelson Mandela.

O número representa uma queda de 13% em relação ao ano de 2015, quando foram registrados 30 casos do tipo. Entretanto, se comparado a 2014, quando o órgão mediu 23 casos de intolerância religiosa, o dado do ano passado significa um aumento de também 13%.

De acordo com a titular da Sepromi, Fabya Reis, o órgão tem acompanhado os casos, por meio de escutas à sociedade civil e da atuação da rede de combate ao racismo e à intolerância, formada por órgãos como Ministério Público, Defensoria Pública e outros.

Por isso, afirma a secretária, o ato que marcará o Dia de Combate à Intolerância Religiosa é uma ação arti-



Busto em homenagem à ialorixá Gildásia dos Santos (Mãe Gilda) é o local escolhido para atividades de hoje

culada em parceria com o Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra (CDCN), colegiado composto por militantes do movimento negro, religiosos, blocos-afro e estudiosos.

“No que diz respeito às ocorrências, incentivamos a denúncia por parte das vítimas, medida fundamental para respaldar os poderes públicos, que dessa forma podem mensurar este fenômeno e trabalhar na tarefa

de dar celeridade na resolução dos casos”, afirmou Fabya Reis.

Vice-presidente do CDN, filha biológica de Mãe Gilda e herdeira religiosa dela, a ialorixá Jaciara Ribeiro defende que os dados oficiais ainda não representam a dimensão real da intolerância no estado. Para ela, lembrar do dia 21 de janeiro é uma forma de incentivar as pessoas a denunciarem.

“Esse ato visibiliza a luta,

porque, apesar de ser no busto de Mãe Gilda, que é símbolo disso tudo, estaremos falando sobre esse conjunto de crimes de ódio religioso”, afirmou a ialorixá.

Combate

“São 17 anos de uma luta árdua, nesse tempo muito espaço foi dado para essa questão, mas ainda observo a intolerância destruindo vidas”, lamenta a ativista. “As pessoas, que às vezes têm

vergonha ou não têm muita informação de onde pode denunciar, precisam de ajuda”, apela.

Ela conta, ainda, que o documentário *Mulheres de Axé*, produzido pelo historiador Marcos Rezende, será exibido durante o ato na manhã de hoje. Líderes de diversas religiões também participarão da atividade, que será finalizada com o depósito de flores na estátua de Mãe Gilda.